I.

Incêndios na Grécia já fizeram mais de 90 vítimas mortais. A oposição do país acusa as autoridades de esconder perdas humanas e de falhar na gestão da crise.

Emmanuel Macron defende em Lisboa uma União Europeia com uma uma "estrutura mais leve" e acordos de associação com a Rússia e a Turquia.

E ainda nesta edição olhamos para o encontro entre o presidente da Comissão Europeia e o presidente norte-americano. Bruxelas e Washington vão expandir as importações europeias de gás natural liquefeito e de soja. Um movimento que deverá ser acompanhado pela redução das tarifas industriais dos dois lados.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

O número de vítimas mortais dos incêndios na Grécia subiu para 91. Ainda de acordo com o último balanço oficial, 25 pessoas estão dadas como desaparecidas.

Continuam as investigações às causas daquele que já é considerado o fogo florestal mais mortífero da Europa em mais de 100 anos. As autoridades privilegiam a tese de mão criminosa.

A oposição está a acusar o Governo de falhar na gestão da crise e de ter inicialmente escondido as perdas humanas.

Recorde-se que a vila de Mati, uma estância balnear próxima de Atenas, foi assolada pelo incêndio há cerca de uma semana.

A grande maioria das vítimas morreu devido às chamas, mas algumas pessoas perderam a vida no mar, quando tentavam fugir ao fogo. Fogos que destruíram mais de duas mil casas e queimaram centenas de carros.

Alexis Tsipras, primeiro-ministro grego, assumiu a responsabilidade política pelos incêndios.

Alexis Tsipras, primeiro-ministro grego.

Não escondo que estou chocado, tal como penso que todos estejam. Dor, devastação, vidas humanas que se perderam de forma injusta e inesperada. Perante o gabinete e o povo grego assumo a total responsabilidade política pela tragédia. Nunca tentaremos fugir às nossas responsabilidades.

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e antigo secretário-geral adjunto das Nações Unidas, que reside em Bruxelas, capital da Bélgica.

Victor, depois da tragédia portuguesa no ano passado, é agora a vez da Grécia, com a diferença de que nos posicionamos numa área mais urbana. Alexis Tsipras veio assumir responsabilidades políticas pelo sucedido, mas ainda não sabemos que forma vai tomar essa responsabilização. Sim, é verdade, os incêndios na Grécia mostraram uma vez mais que existem problemas estruturais, problemas gravíssimos, profundos na Grécia e também noutros países como existiu e existe ainda em Portugal. No caso da Grécia, nós estávamos perante e estamos perante uma situação em que houve várias décadas de construções ilegais, de construções muitas vezes de luxo em zonas costeiras, próximo do mar, por gente rica, que se aproveitava das suas ligações políticas para construir vivendas com uma grande falta de respeito pela estrutura urbana, pelas infra-estruturas, pelo acesso, pelas questões de acesso. Por isso, temos por um lado isso, temos por outro lado a ineficiência do estado, que foi incapaz nas últimas décadas de resolver este problema de crescimento urbano desordenado e corrupto. E também temos uma situação em que o registo cadastral das propriedades é antiguado e não permite de modo algum perceber quais são os terrenos que podem ser construídos, quais são os terrenos que devem manter-se rurais. E tudo isto, toda esta desorganização ao fim ao cabo significa, por um lado, que ao nível local o Estado continua a não funcionar e, por outro lado, significa que não há coragem política para resolver estas questões.

Especialistas salientam que os anos de austeridade na Grécia deixaram as autoridades mal equipadas para lidar com situações. Pode-se fazer esta relação?

Estes desastres são sempre muito complexos. A austeridade desempenhou um papel. Eu penso, no entanto, que o papel mais importante foi o facto do Estado durante décadas ter sido ineficiente e corrupto.

E como deve a União Europeia posicionar-se perante estas tragédias consecutivas? Pode Bruxelas ter um papel mais activo de apoio a situações do género?

Já existe um mecanismo de protecção civil ao nível da União Europeia. É evidente que esse mecanismo ainda está numa fase inicial e, em certa medida, essa fase inicial não permite ter uma resposta tão massiva, tão forte quanto se poderia esperar. Mas a verdade é que ele funcionou no caso da Grécia, funcionou também no caso da Suécia, em que nós registámos até agora 65 fogos em 2018, quando a média nos anos anteriores tem sido de três fogos por ano na Suécia. Ou seja, nós estamos aqui numa situação extremamente anormal, extremamente grave. O mecanismo de protecção civil europeu já funciona, mas funciona ainda de uma maneira muito inicial, muito incipiente e precisa evidentemente de maior coordenação e sobretudo de uma autoridade central ao nível de Bruxelas que possa rapidamente accionar a cooperação entre os estados no combate a estas catástrofes naturais.

III.

E continuamos por Portugal.

Emmanuel Macron esteve em Lisboa e reuniu-se com o primeiroministro português, António Costa. Foi aí que defendeu que União Europeia com uma estrutura mais leve e acordos de associação com a Rússia e a Turquia, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

O Presidente francês, Emmanuel Macron, defendeu, em Lisboa uma Europa com uma estrutura mais leve. O presidente da França descreveu a Europa como uma organização de "círculos concêntricos, talvez além dos actuais 27" estados-membros.

Declarações feitas numa conferência sobre o futuro da Europa na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e que contou com a presença do primeiro ministro português António Costa.

Quanto às regiões em volta das actuais fronteiras do bloco europeu, o chefe de Estado francês defendeu acordos de associação com países como a Rússia e como a Turquia.

Macron e Costra mostraram estar em sintonia em vários temas: migrações e populismos foram alguns deles. Para o responsável francês, as próximas eleições europeias são absolutamente decisivas. Vai ser um debate entre extremos: os nacionalistas, os que defendem a fractura europeia, e os progressistas europeus, disse Macron.

Emmanuel Macron, Presidente de França

Nos próximos cinco anos decide-se o destino da nossa Europa.

Já António Costa falou numa Europa com mais dinheiro.

António Costa, primeiro-ministro de Portugal

Se queremos cumprir aquilo que prometemos aos europeus, temos de pôr no orçamento da Europa o que a Europa necessita para cumprir aquilo que tem cumprido para com os cidadãos europeus. A Europa não pode querer ter mais defesa, mais segurança interna, mais inovação e termos menos recursos para a União Europeia.

No que diz respeito às políticas de integração de imigrantes na Europa, António Costa defendeu a adopção de medidas favoráveis ao reagrupamento familiar e à valorização da escola.

+++

Lina Ferreira sobre o encontro entre Emmanuel Macron e António Costa.

Um balanço desta visita francesa a Portugal, Victor.

Eu gostaria de fazer um balanço positivo. A verdade é que Macron tem uma agenda europeia, está a pensar nas eleições para o Parlamento Europeu de Maio de 2019 e queria evidentemente que esta agenda fizesse parte do cerne da campanha eleitoral que levará às eleições. Mas a verdade também é que Macron tem tido imensas dificuldades em fazer avançar as suas ideias ao nível europeu. Ele estava a contar bastante com o apoio de Angela Merkel. Angela Merkel tem imensos problemas ao nível da política interna da Alemanha. Estava a contar com outros líderes europeus, e nomeadamente com os líderes da Bélgica e da Holanda e a verdade é que na Bélgica a preocupação neste momento é a preparação das eleições internas. E a Holanda tornou-se, em certa medida, num país eurocéptico. Por isso, Macron precisa de encontrar novos aliados e eu creio que Macron vê no primeiroministro português, e agora também no novo primeiro-ministro de Espanha, dois aliados possíveis.

Ouvimos nesta peça que há muito que une os dois políticos, tanto a migração, como a questão do populismo. Que mais?

Eu creio que há uma visão que é partilhada por ambos de uma Europa mais aprofundada. Por outro lado, também há uma visão de que a Europa tem que evoluir a várias velocidades. E quer António Costa, quer Emmanuel Macron pensam que a única maneira de fazer avançar o projecto europeu é fazê-lo avançar através de círculos concêntricos, ou seja, os países que estão no círculo interior, no círculo do centro vão avançar mais rapidamente e depois assim sucessivamente. Esse tipo de discurso é sobretudo necessário, tendo em conta as grandes dificuldades que tem havido com os países da Europa do Leste e nomeadamente com a Hungria, com a Polónia, mas também cada vez mais com os outros países do Visegrado, ou seja, com a República Checa e a Eslováquia. Penso que Macron e António Costa, em certa medida, vão fazer avançar a ideia de que quem quiser uma Europa mais integrada, alinha-se no pelotão da frente, quem achar que o nacionalismo continua a ser o pilar de base da União Europeia, ficará evidentemente no pelotão atrasado.

O Victor falou nas eleições europeias. Macron reconhece que estas eleições são absolutamente decisivas e que é um debate entre os extremos. E nós já estamos a assistir a um marcar de posições: por um lado, a posição defendida por Emmanuel Macron de uma Europa mais integrada, a posição que eu chamaria de europeísta. Por outro lado, posições profundamente nacionalistas, como as de Viktor Orbán. Curiosamente, neste fim-de-semana, Viktor Orbán numa entrevista que dá na Alemanha ataca directamente o presidente francês e diz que não está de acordo com a visão que Emmanuel Macron tem da Europa. Ele volta a repetir que a Europa é uma construção baseada em nações e que a questão da nação continua a ser uma questão fundamental. E vamos ter certamente os antieuropeus extremistas, muito provavelmente à volta de Salvini. As eleições europeias de 2019 vão ser um combate político renhido entre três grandes correntes: a corrente europeísta, a corrente nacionalista e o extremismo antieuropeu.

IV.

E já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

E no encontro da semana passada entre Donald Trump e Jean-Claude Juncker ficou a promessa de Washington de que não haverá taxas adicionais sobre automóveis importados da Europa. Uma nova fase nas relações comerciais das duas regiões, disse Trump. Mais com a jornalista Fátima Valente.

"Chegámos hoje a um acordo", afirmou o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, ao lado do presidente norte-americano Donald Trump. Na semana passada, os dois líderes anunciaram um novo entendimento que tem como objectivo pôr termo ao conflito comercial entre Washington e Bruxelas.

Uma crise que nasceu com a aplicação de tarifas pelos Estados Unidos às importações de aço e alumínio provenientes da União Europeia. Donald Trump adiantou que as duas partes querem avançar para "zero taxas alfandegárias" nas trocas industriais. Será feita uma excepção ao sector automóvel.

Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos

Concordámos hoje, antes de mais, trabalhar em conjunto para abolir todas as tarifas, todas as barreiras não tarifárias e todos os subsídios para produtos industriais, excluindo automóveis. Vamos também trabalhar para reduzir barreiras e aumentar as trocas no sector dos serviços, produtos químicos, farmacêuticos, e produtos médicos, para além da soja. A soja é muito importante.

Já Jean-Claude Juncker assinalou a intenção europeia de promover as importações de gás natural liquefeito dos Estados Unidos.

Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia

Identificámos várias áreas em que vamos trabalhar juntos para abolir as tarifas sobre bens industriais. Esta era a minha principal intenção. Decidimos reforçar a nossa cooperação em energia. Vamos construir mais terminais para importar gás natural liquefeito dos Estados Unidos. Isto é também uma mensagem para outros.

Outro dos anúncios a sair do encontro na Casa Branca tem em vista a reforma da Organização Mundial do Comércio.

Fica o compromisso para o combate às práticas comerciais desleais, incluindo o roubo da propriedade intelectual e a transferência forçada de tecnologia.

Fátima Valente sobre o encontro entre Trump e Juncker. Recorde-se que em Março começaram a ser aplicadas tarifas aduaneiras de 25% às importações europeias de aço e de 10% às de alumínio.

Bruxelas ameaçou retaliar com novos impostos, no valor de 2,8 mil milhões de euros.

Victor, que pontos é que salienta deste entendimento entre a União Europeia e os Estados Unidos?

O facto de Juncker ter dito que a Europa passaria a importar muito mais soja vinda para os Estados Unidos foi música para os ouvidos de Donald Trump, porque uma boa parte do seu eleitorado vive em estados que produzem grandes quantidades de soja. Também foi importante que Juncker tenha falado do gás líquido. Este é um assunto também muito importante para o presidente americano, também por razões políticas e eleitorais. Jean-Claude Juncker ao falar de soja, ao falar de gás líquido e de maiores importações europeias dessas duas mercadorias agradou bastante ao presidente norte-americano, como também o facto de ter prometido que se iniciariam negociações com vista a abolir as tarifas para vários produtos - e nomeadamente para os produtos industriais que pudessem ser comercializados entre ambas as partes. E isso, evidentemente, permite ao presidente americano dizer que conseguiu uma vitória no sentido de que isso irá facilitar a exportação de produtos industriais americanos para a Europa.

E como é que os líderes europeus olham para o acordo? Enquanto que do lado alemão Jean-Claude Juncker recebeu o apoio total, e sobretudo pelo facto de que ele conseguiu fazer com que a questão sobre as tarifas sobre os automóveis fosse adiada, e por isso, que não houvesse nos próximos meses o perigo de haver taxas à importação de veículos europeus e isso é uma questão muito importante para os alemães. Mas não só para os alemães, para outros países que fabricam viaturas aqui na Europa. As únicas vozes com reservas que se ouviram sobre a visita de Juncker foram as vozes quer do presidente francês, quer do seu ministro da Economia, e fundamentalmente porque eles têm receio de que este tipo de entendimento seja alargado às questões agrícolas e que a Europa passe a importar mais livremente produtos agrícolas americanos. Isso poria em causa os interesses da agricultura francesa e é esse o grande receio do lado francês.

Que importância é que tem este entendimento para o próprio Jean-Claude Juncker - que parece ter estado melhor na abordagem a Trump do que os representantes das principais potências europeias? Sim, Juncker conseguiu aquilo que Macron e Merkel - que também tinham estado em Washington recentemente - não conseguiram, ou seja, conseguiu ganhar a simpatia de Donald Trump e, em certa medida, ganhar concessões da parte do presidente americano. Por isso, Jean-Claude Juncker dá em certa medida a impressão que teve mais êxito na sua visita do que líderes muito importantes como são Macron e Merkel. É verdade também que Jean-Claude Juncker precisava deste tipo de sucesso, porque ele recentemente tinha tido

problemas muito sérios em termos da sua imagem pública e a sua imagem pública estava a resvalar rapidamente no sentido que não lhe era nada favorável e a verdade é que ele voltou de Washington com uma imagem mais forte e certamente com uma imagem que permitirá a muitos esquecer aquilo que tinha acontecido uma ou duas semanas antes na altura da cimeira da NATO.

V.

Foi Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

E antes de nos despedirmos, tempo ainda para a uma nota cultural. O cinema português está este ano em foco no programa "First Look" da edição número 71 do festival de Locarno, que começa amanhã, na Suíça. Nesta secção vão ser exibidos seis filmes em fase de pós-produção, para uma audiência composta apenas por profissionais. Entre os filmes estao "Campo", de Tiago Hespanha, "Gabriel", de Nuno Bernardo, "Golpe de Sol", de Vicente Alves do Ó.

O Festival de Locarno decorre até 11 de Agosto e inclui outros filmes portugueses - dois estão em competição: "3 anos depois", uma curtametragem de Marco Amaral e também "Sobre tudo sobre nada", primeira obra de Dídio Pestana.

Este ano, o festival vai abrir com "Les beaux esprits", de Vianney Lebasque, e encerra com "I feel good", de Benoît Delépine e Gustave Kervern. Destaque ainda para a presença dos filmes brasileiros "Temporada", de André Novais Oliveira, e "Sedução da carne", de Júlio Bressane. Nós hoje ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, cofinanciada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.